

## AQUELAS SAMAMBAIAS ...

### Ubiratan Jorge Iorio é Colunista de Plurale (\*)

Em meus tempos de criança, costumava passar tardes inteiras na casa de um tio, brincando em seu imenso quintal, à sombra de dezenas e mais dezenas de árvores de muitos tipos, das quais eu gostava de colher, em uma lata presa na ponta de um bambu, mangas, abius, sapotis, tamarindos, goiabas, bananas, frutas de conde, cajás e jacas (que, obviamente, não cabiam na pequena lata). Em um belo dia de fevereiro, em plenas férias escolares e com a proximidade do carnaval, cismeí que daria um “baile” no final da tarde nos fundos do terreno e que deveria haver uma chuva de confetes – afinal, uma das músicas carnavalescas que fazia sucesso na época dizia que confetes eram “pedacinhos coloridos de saudade” – e, embora eu ainda não tivesse exata noção do que aquilo queria dizer, gostei da frase, mas imediatamente me deparei com um problema prático: como conseguir confetes, se o baile seria realizado no fim daquela mesma tarde, sem tempo de pedir aos meus pais ou ao meu padrinho que passassem no centro da cidade, mais especificamente na Rua da Alfândega, para comprá-los para mim?

A solução que encontrei para aquele grande problema foi desfolhar samambaias que existiam em uma pequena alameda que ia do portão de entrada até o começo da varanda e de uma escada de ferro que conduzia externamente ao segundo andar. Arrancando algumas dezenas de galhos, retirando folha por folha e partindo-as até ficarem do tamanho de confetes, imaginei que meu problema estaria resolvido. Do pensamento à ação, pus-me a decepar com as mãos a primeira planta, enquanto imaginava quais amigos e amigas do colégio e da vizinhança convidaria para o grande evento carnavalesco daquela noite...

Depois de arrancar meia dúzia de galhos, eis que me aparece, vindo de dentro da casa e caminhando da varanda até as samambaias o meu tio Salvatore, um calabrés de um coração enorme e uma inteligência ainda maior, marido de minha tia Ersilia, também italiana, que eram meus tios mais velhos e que foram para mim como um avô e uma avó. *Zio Salvatore*, ou *Tio Dodô*, como o chamávamos, deu-me então a primeira aula de ecologia de que me lembro, com paciência, amor, sabedoria e sem qualquer ressaibo de *ecomania*... Começando com um *non fà così, guagliuno!* (algo como: não faça isto, menino!), pronunciado com autoridade, ensinou-me que as samambaias integram a natureza, que devemos preservá-la sempre que pudermos, pois, embora devamos colocá-la a serviço do homem, precisamos fazer isto com critério e, portanto, usar samambaias para fazer confetes não era uma prática correta. Depois, levou-me até a enorme sala de jantar, pegou umas folhas de papel de rascunho e um picotador e me ensinou como fazer os meus desejados confetes.

Aquele episódio das samambaias ensinou-me pelo resto da vida a respeitar a natureza, mas também que esta existe para servir ao homem e não que este existe para servi-la. Mostrou-me também o valor de uma boa educação e, ainda, que devemos buscar o equilíbrio em quase tudo que fazemos na vida, até porque, como observou Andra Valladares, “é fácil ser radical, difícil é ser coerente”. Por isso, embora valorizando a preocupação que devemos ter com a natureza, não sou nem um *ecoxiita* alarmista movido a ideologia e nem um cético em relação à questão ambiental.

Os *ecoxiitas* causam um grande mal à humanidade, porque exageram deliberadamente os problemas ambientais, quase sempre movidos por puro ódio à economia de mercado, que desejam extinguir da face da terra. Por conta desse alarido, projetos importantes para o desenvolvimento econômico e social são adiados indefinidamente, ao sabor de licenças ambientais que deixam de ser concedidas muitas vezes por razões puramente ideológicas. Fazem um alarido tão grande em relação ao aquecimento global que acabam provocando a reação dos céticos, para quem, primeiro, não há provas de que o clima estaria mesmo esquentando, uma vez que a temperatura média da Terra subiu e caiu diversas vezes nos últimos 150 anos, mesmo com o aumento permanente da quantidade de carbono; segundo, mesmo que o planeta esteja ficando mais quente, isto se deveria mais a fatores naturais, como a atividade solar, do que à ação humana (ou “desumana”, para os ecologistas radicais) e terceiro, mesmo que as emissões industriais estejam aquecendo o mundo, vale mais a pena gastar recursos remediando as consequências do que abrir mão da produção para tentar reduzir a emissão de gases causadores do efeito estufa.

Para mim, nem tanto à terra, nem tanto ao mar. A aversão que sinto pelas queimadas que destroem florestas a troco de nada é a mesma que senti quando daquela manifestação dos

*ecochatos* do Greenpeace há uns dois meses, quando resolveram pendurar uma faixa na ponte Rio-Niterói e paralisaram o trânsito em boa parte do Rio de Janeiro, provocando uma gigantesca emissão de carbono (que eles dizem condenar). Também fico indignado quando alguém que luta pela preservação de espécies de animais em extinção participa, por exemplo, de passeatas a favor do aborto. É incoerência, em ambos os casos.

O que me parece importante na questão ambiental é discutir o grau de responsabilidade do homem em sua relação com o planeta e com a natureza. Quando o homem coloca a natureza a seu serviço, seja na agricultura ou na indústria, está sendo inteligente, mas, se ao fazer isso ele simplesmente a destrói como um vândalo, age como um néscio e – o que é pior – legará aos seus descendentes um mundo destruído. Por isso, julgo muito importante ensinarmos às crianças – tal como meu querido e saudoso tio fez comigo – a amar a natureza de uma maneira consciente, a preservá-la, mas sem inserir a maldita ideologia em sua educação. Que elas aprendam, por exemplo, a preservar serpentes, mas que saibam, também, que serpentes não são criaturas amigas, que possam ser criadas em casa ou, como faz quase todos os domingos um sujeito na TV, que possam ser acariciadas ou até beijadas...

Aquelas samambaias me ensinaram muito.

***(\*) Ubiratan Iorio é economista, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da FGV Business, presidente do CIEEP - Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista e membro do Conselho de Ética da Associação Comercial do Rio de Janeiro***